
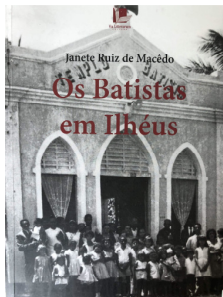


## **“Enchendo a terra com a Tua Verdade”: pastores e fiéis na expansão e constituição da igreja Batista no sul da Bahia**

**Charles Nascimento de Sá**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Eunápolis, Bahia, Brasil  
Doutorando – Universidade Estadual Paulista (UNESP) – câmpus de Assis

 <https://orcid.org/0000-0001-6096-7369>  
E-mail: charles.sa75@gmail.com



### Resenha de:

MACÊDO, Janete Ruiz de. *Os Batistas em Ilhéus*.  
Ibicaraí, BA: Via Litterarum, 2018. 298 p. ISBN:  
978-85-8151-167-2 (impresso).

**Resenha recebida em: 22/10/2019**

**Resenha aprovada em: 28/11/2019**

Quando de seu surgimento no início do século XVI a capitania de São Jorge dos Ilhéus se tornou uma região produtora de açúcar e alimentos que eram exportados para a capitania da Bahia. Como a produção de açúcar sempre foi pequena, comparada a outras regiões a capitania de Ilhéus focou sua economia na produção de farinha de mandioca, madeira, feijão, arroz e outros gêneros alimentícios que depois eram embarcados e vendidos para Salvador e Recôncavo (DIAS, 2011).

Na segunda metade do século XVIII uma planta trazida da Amazônia seria incorporada ao cenário agrícola da capitania de Ilhéus, o cacau. Sendo produzida em sesmarias e roças dessa região, seu produto já aparecia em pautas de exportação do governo da capitania da Bahia ainda no setecentos. Durante o período de um século o cacau foi se expandido paulatinamente no interior da capitania da Bahia, que incorporara para si a antiga capitania de Ilhéus no ano de 1763 após deixar de ser a sede do vice-reino do Brasil (SILVA, 2010, p. 409).

Contando com o uso intensivo de mão de obra escrava negra e indígena, A elite de Ilhéus constituiu fazendas de cacau que, na segunda metade do século XIX, deram nova roupagem à antiga vila de pescadores. De um povoado pobre e com

menos de três mil pessoas, a cidade de Ilhéus começou a incorporar novos moradores que viam para o sul da Bahia depois de ouvir sobre a riqueza dos “frutos de ouro”. Já no último quartel do oitocentos, Ilhéus se configurava como a região mais pujante da Bahia, com uma economia dinâmica e moderna, alicerçada na expansão do consumo do chocolate na Europa e nos Estados Unidos. A antiga se tornou no início da República brasileira a “Princesa do Sul” (GUERREIRO; PARAÍSO, 2001).

A riqueza do cacau e a maciça expansão demográfica sul baiana fez surgir diversos povoados que depois se tornariam cidades a constituir a região Cacaueira da Bahia. Itabuna, Canavieiras, Camacã, Itajuípe, Coaraci, Pau-Brasil, foram alguns dos municípios que nasceram com a expansão da lavoura cacaueira. Com essa ampliação vieram a riqueza, os conflitos mais intensos pela terra e pelos pés de cacau, a prostituição, o poder político e econômico dos coronéis e também a fé (SÁ, 2019, p. 34-35).

Como toda região oriunda da expansão portuguesa a fé professada pelos moradores de Ilhéus tinha na Igreja Católica seu baluarte. Durante o período de aparecimento e expansão do cacau no sul da Bahia foi essa a base doutrinária dos moradores de Ilhéus e demais vilas. O advento da República e o laicismo do Estado brasileiro a partir de então deu início a mudanças nesse cenário.

Com o fim da Guerra de Secessão (1861/1865) a economia e os cidadãos dos Estados Unidos puderam, afinal, dispender seu crescimento em outras bases que não a indústria de guerra. Com o crescimento econômico grupos e igrejas daquele país iniciaram um processo de expansão pela América Latina, concernente à tese da Doutrina Monroe de que a América devia ser para os americanos.

A relação entre o Brasil e os Estados Unidos, conforme demonstrado pelo historiador norte-americano Gerald Horne, em seu livro *O sul mais distante* (2010) se intensificou ao longo do conflito envolvendo o norte e o sul dos EUA. Com o fim daquela guerra muitos refugiados sulistas vieram para o Brasil, vendo aqui a possibilidade de perpetuar seu modo de vida baseado na escravidão. Ao mesmo tempo trouxeram consigo seu ideário religioso e político. Os EUA adotavam e ainda adotam “uma ética de trabalho puritana e a ideia calvinista da eleição, vendo-se como uma ‘nação escolhida’, cuja bandeira e os ideais têm um propósito divino” (ARMISTRONG, 2008, p. 350).

Foi nesse cenário de intenso contato entre os Estados Unidos e o Brasil, com a vinda de pessoas e sua ideologia religiosa para a América do Sul que se inseriu a

mais recente pesquisa da historiadora e professora Janete Ruiz de Macêdo. Pertencente aos quadros da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, situada no município de Ilhéus, sul da Bahia. Janete Macêdo é professora Titular desta Instituição e fundadora de Centro de Documentação e Memória Regional – CEDOC.

A professora Janete foi especialmente responsável pela expansão das pesquisas e trabalhos sobre a região Cacaueira. Mestre de diversos alunos e professores nessa região, tem realizado inúmeros trabalhos sobre Itabuna e Ilhéus, as duas mais importantes cidades dessa área. Suas pesquisas abarcam estudos sobre praças, museus, cidade, identidade cultural, política, dentre outros. De seu labor no CEDOC resultou inúmeros acervos e arquivos de diversos municípios do sul da Bahia, com a conservação e preservação de documentos escritos e imagéticos.

Seu recente livro intitula-se *Os Batistas em Ilhéus*. Foi publicado no ano de 2018 pela editora Via Litterarum, com sede na cidade de Ibicarai, na Bahia. Com um total de 298 páginas, a obra versa sobre a expansão e constituição da igreja Batista no sul da Bahia, tendo como foco neste livro a região de Ilhéus. Uma nova obra sobre os batistas em Itabuna já foi iniciada.

O livro assenta-se em três aspectos: a) descrição da chegada e das estratégias de expansão da igreja Batista no sul da Bahia, tendo como base a cidade de Ilhéus; b) os atores responsáveis pela expansão e consolidação dos primeiros núcleos dessa fé em Ilhéus; c) e, por fim, a narrativa sobre as diversas congregações dos batistas no sul da Bahia entre os séculos XX a XXI.

A obra aqui considerada tem como base documental escritos oriundos dos arquivos das igrejas batistas da região Cacaueira, jornais impressos dessa congregação, como *A Voz do Sul* e *O Jornal Batista*, acervos pessoais de antigos fiéis, como Guiomar Bittencort, filha de umas das pioneiras batistas em Ilhéus, livros de atas das igrejas, entrevistas com pastores e fiéis. Além disso, o uso de documentação imagética é intenso, o que possibilita a visualização de recortes sobre pessoas, objetos, eventos e instituições que fomentaram a expansão da fé batista no sul da Bahia.

Os Batistas vieram para o sul da Bahia no ano de 1893. Eram financiados pela Junta das Missões Estrangeiras, da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, localizada em Richmond, Virgínia (MACEDO, 2018, p. 17-18). No sul da Bahia a expansão da igreja teve o apoio do coronel José Félix Bittencourt e de sua irmã Cecília Bittencourt, adepta da fé batista (MACEDO, 2018, p. 21).

A presente obra narra, deste modo, a maneira como pastores e adeptos da crença batista galgaram apoio e fiéis entre a população das terras do cacau. O texto mescla elementos básicos ao estudo de Clio como o uso de documentos, a indicação do local de fontes, a discussão sobre contextos e trajetórias individuais e coletivas, com valores e ideias concernentes à fé batista, tendo em vista que a autora professa essa fé.

Nesse sentido, a obra discute com profundidade os mecanismos que os diversos pastores utilizaram para expandir sua doutrina, dando voz a indivíduos “perdidos” no tempo e trazendo para o conhecimento do presente seus ideais e pensamentos. Ao longo de toda a obra de Janete Macedo desdobram-se os modos e as operações que constituíram a fé batista no sul da Bahia. Aqui cabe evidenciar que o livro foi lançado quando da comemoração do centenário da fundação da primeira igreja Batista em Ilhéus.

Ainda assim, o texto ao mesmo tempo em que dá voz a homens e mulheres, e de sua fé e ação, silencia sobre outros temas. Nota-se no livro o valor e a crença que os pastores batistas tinham em relação a sua fé. Discutiam, pregavam, defendiam aquilo que acreditavam. No entanto, atacavam ferozmente aqueles que pensavam diferente. Entre as páginas 28 a 30 apresenta-se a disputa entre pastores batistas e pregadores adventistas na região de Ilhéus. Sobre estes últimos indica-se ser sua fé “herética” pelos pregadores da época. Não há no livro, porém, nada que discuta a necessidade de respeito e tolerância sobre as diferentes concepções de fé e de religiosidade que existem no Brasil.

Outro ponto em que o caráter historiográfico da obra cede lugar à fé tem a ver com o uso, ao longo de todo o livro, de expressões que traduzem a crença batista ou evangélica em sua narrativa. Em alguns momentos o texto e sua escrita denotam o olhar do missionário e do pregador, ou pregadora, e não do historiador.

As igrejas de denominação Batista foram se expandindo em Ilhéus. Bairros e distritos passaram a contar com prédios dessa congregação. No distrito de Olivença, no bairro do Pontal, onde surgiu a primeira igreja, e no centro da cidade de Ilhéus estavam as mais importantes agremiações. Outras áreas do município viram vicejar a fé batista, fruto da pregação de seus pastores e fiéis.

Esse crescimento gerou também a inserção das igrejas do sul da Bahia no assim denominado “Movimento Radical”. Tendo sido iniciado em Pernambuco e chegado a Salvador nas primeiras décadas do século XX, esse movimento propunha maior autonomia das igrejas brasileiras em relação à Junta de Richmond. Segundo

a autora, “a principal queixa dos radicais nacionalistas estava no atrelamento que se perpetuava entre a Missão e a igreja local, *via recursos financeiros*” (MACEDO, 2018, p. 93, grifo nosso). Fortalecidos pela expansão da fé em diversos municípios, como na rica cidade de Ilhéus, os batistas brasileiros propugnaram a separação da igreja nacional da Missão de Richmond que havia dado início às pregações em terras brasileiras.

As duas últimas partes do livro abordam, de forma narrativa, as diversas agremiações batistas na cidade de Ilhéus nos séculos XX e XXI. Nesse ponto o estudo tem um caráter mais descritivo e documental. Reconhece ali personagens e instituições que contribuíram para a consolidação da fé batista no sul da Bahia. Com o uso de fotos, recortes de jornais, atas e testemunhos orais, Janete Macedo presta uma homenagem aos antecessores dos fiéis batistas do nosso século.

O livro assim possui virtudes e vícios. De um lado ampara-se em farta base documental, faz uso de imagens, jornais, atas, diários, cartas, dentre tantos itens que os historiadores desde a Escola Metódica do século XIX, passando pelos Annales no século XX, não cansam de indicar serem elementos fundamentais para a reconstituição do passado. Ele dá voz a entes que até então estavam adormecidos, e, por vezes, esquecidos, seja dos fiéis batistas, seja do público mais amplo.

No entanto, ao ser também uma obra de fé termina por silenciar outras vozes, bem como dissonâncias no modo como a fé batista foi expandida na região Cacaueira. Em um momento de avanço do conservadorismo no Estado brasileiro e do apoio de grupos evangélicos às políticas públicas com viés ideológico aparado em doutrinas oriundas do fundamentalismo religioso cristão, uma abordagem mais analítica traria ainda mais impacto à obra.

Longe de ser um ponto negativo, porém, esse item instiga a pensar em outras abordagens e outros olhares sobre a igreja Batista no sul da Bahia. Mais uma vez, professora Janete Ruiz de Macêdo lança hipóteses e problemas que devem ser ampliados e discutidos pela gama de historiadores e profissionais da memória no sul baiano e em outras regiões do Brasil.

Boa leitura!

## Referências

ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DIAS, Marcelo Henrique. *Farinha, madeiras e cabotagem: a capitania de Ilhéus no antigo sistema colonial*. Ilhéus: Editus, 2011.

FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro; PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. *Caminhos ao encontro do mundo: a capitania, os frutos de ouro e a princesa do sul, Ilhéus 1534-1940*. Ilhéus: Editus, 2001.

HORNE, Gerald. *O sul mais distante: os Estados Unidos, o Brasil e o tráfico de escravos africanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SÁ, Charles Nascimento de. *História e historiografia: caminhos e métodos*. Curitiba: Appris, 2019.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Bahia, a corte da América*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.

**Charles Nascimento de Sá** é Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), câmpus XVIII, em Eunápolis, na Bahia, Brasil. É Doutorando em História na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), câmpus de Assis, em São Paulo. Mestre em Cultura e Turismo, Especialista em História Regional e Graduado em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), na Bahia.

### Como citar:

SÁ, Charles Nascimento de. ‘Enchendo a terra com a Tua Verdade’: pastores e fiéis na expansão e constituição da igreja Batista no sul da Bahia. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 15, n. 2, p. 623-628, jul./dez. 2019. Disponível em: <[pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br)>. Resenha de: MACÊDO, Janete Ruiz de. *Os Batistas em Ilhéus*. Ibicaraí, BA: Via Litterarum, 2018. 298 p.